

# LEITURAS AFINS

- Caminhos Cruzados - Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais — *Diversos Autores*
- Dialética da Família — *Massimo Canevacci (org.)*
- Dialética do Indivíduo — *Massimo Canevacci (org.)*
- Estado, Escola e Ideologia — *Lia Zanotta Machado*
- Filosofia e Comportamento — *Bento Prado Jr.*
- Introdução à Psicologia — *Charles N. Cofer*
- Prática da Terapia Comportamental — *J. Wolpe*
- Psicanálise em Questão - Almanaque 12 — *Diversos Autores*
- Psicologia — *Harlow McGaugh e Thompson*
- Psicologia do Desenvolvimento — *Ellen Strommen e Hiran Fitzgerald*
- Trabalho e Reflexão - Ensaio para uma Dialética da Sociabilidade — *José Arthur Gianotti*

## Coleção Primeiros Passos

- O que é Capitalismo — *Afrânio Mendes Catani*
- O que é Família — *Danda Prado*
- O que é Ideologia — *Marilena de Souza Chauí*
- O que é Positivismo — *João Ribeiro Jr.*
- O que é Psicanálise — *Fábio Hermann*
- O que é Psicologia Social — *Sílvia T. Maurer Lane*
- O que é Psiquiatria Alternativa — *Alan Índio Serrano*
- O que é Realidade — *João Francisco Duarte Jr.*
- O que é Sociologia — *Carlos B. Martins*

## Coleção Encanto Radical

- Sigmund Freud - A Conquista do Proibido — *Renato Mezan*

Sílvia T. M. Lane/Wanderley Codo (orgs.)

# Psicologia social

## O homem em movimento

1ª edição 1984

3ª edição

brasiliense  
**B**  
1985

# A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia

Silvia Tatiana Maurer Lane

*"Quase nenhuma ação humana tem por sujeito um indivíduo isolado. O sujeito da ação é um grupo, um 'Nós', mesmo se a estrutura atual da sociedade, pelo fenômeno da reificação, tende a encobrir esse 'Nós' e a transformá-lo numa soma de várias individualidades distintas e fechadas umas às outras." Lucien Goldman, 1947.*

A relação entre Psicologia e Psicologia Social deve ser entendida em sua perspectiva histórica, quando, na década de 50 se iniciam sistematizações em termos de Psicologia Social, dentro de duas tendências predominantes: uma, na tradição pragmática dos Estados Unidos, visando alterar e/ou criar atitudes, interferir nas relações grupais para harmonizá-las e assim garantir a produtividade do grupo — é uma atuação que se caracteriza pela euforia de uma intervenção que minimizaria conflitos, tornando os homens "felizes" reconstrutores da humanidade que acabava de sair da destruição de uma II Guerra Mundial. A outra tendência, que também procura conhecimentos que evitem novas catástrofes mundiais, segue a tradição filosófica européia, com raízes na fenomenologia, buscando modelos científicos totalizantes, como Lewin e sua teoria de Campo.

A euforia deste ramo científico denominado Psicologia Social dura relativamente pouco, pois sua eficácia começa a ser questionada em meados da década de 60, quando as análises críticas apontavam para uma "crise" do conhecimento psicossocial que não

conseguia intervir nem explicar, muito menos prever comportamentos sociais. As réplicas de pesquisas e experimentos não permitiam formular leis, os estudos interculturais apontavam para uma complexidade de variáveis que desafiavam os pesquisadores e estatísticos — é o retorno às análises fatoriais e novas técnicas de análise de multivariância, que afirmam sobre relações existentes, mas nada em termos de "como" e "por quê".

Na França, a tradição psicanalítica é retomada com toda a veemência após o movimento de 68, e sob sua ótica é feita uma crítica à psicologia social norte-americana como uma ciência ideológica, reprodutora dos interesses da classe dominante, e produto de condições históricas específicas, o que invalida a transposição tal e qual deste conhecimento para outros países, em outras condições histórico-sociais. Esse movimento também tem suas repercussões na Inglaterra, onde Israel e Tájfel analisam a "crise" sob o ponto de vista epistemológico com os diferentes pressupostos que embasam o conhecimento científico — é a crítica ao positivismo, que em nome da objetividade perde o ser humano.

Na América Latina, Terceiro Mundo, dependente econômica e culturalmente, a Psicologia Social oscila entre o pragmatismo norte-americano e a visão abrangente de um homem que só era compreendido filosófica ou sociologicamente — ou seja, um homem abstrato. Os congressos interamericanos de Psicologia são excelentes termômetros dessa oscilação e que culminam em 1976 (Miami), com críticas mais sistematizadas e novas propostas, principalmente pelo grupo da Venezuela, que se organiza numa Associação Venezuelana de Psicologia Social (AVEPSO) coexistindo com a Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO). Nessa ocasião, psicólogos brasileiros também faziam suas críticas, procurando novos rumos para uma Psicologia Social que atendessem à nossa realidade. Esses movimentos culminam em 1979 (SIP — Lima, Peru) com propostas concretas de uma Psicologia Social em bases materialista-históricas e voltadas para trabalhos comunitários, agora com a participação de psicólogos peruanos, mexicanos e outros.

O primeiro passo para a superação da crise foi constatar a tradição biológica da Psicologia, em que o indivíduo era considerado um organismo que interage no meio físico, sendo que os processos psicológicos (o que ocorre "dentro" dele) são assumidos como causa, ou uma das causas que explicam o seu comportamento. Ou seja, para compreender o indivíduo bastaria conhecer o que

ocorre "dentro dele", quando ele se defronta com estímulos do meio.

Porém o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história. Este homem biológico não sobrevive por si e nem é uma espécie que se reproduz tal e qual, com variações decorrentes de clima, alimentação, etc. O seu organismo é uma infra-estrutura que permite o desenvolvimento de uma superestrutura que é social e, portanto, histórica. Esta desconsideração da Psicologia em geral, do ser humano como produto histórico-social, é que a torna, se não inútil, uma ciência que reproduziu a ideologia dominante de uma sociedade, quando descreve comportamento e baseada em frequências tira conclusões sobre relações causais pela descrição pura e simples de comportamentos ocorrendo em situações dadas. Não discutimos a validade das leis de aprendizagem; é indiscutível que o reforço aumenta a probabilidade da ocorrência do comportamento, assim como a punição extingue comportamentos, porém a questão que se coloca é por que se apreende certas coisas e outras são extintas, por que objetos são considerados reforçadores e outros punidores? Em outras palavras, em que condições sociais ocorre a aprendizagem e o que ela significa no conjunto das relações sociais que definem concretamente o indivíduo na sociedade em que ele vive.

O ser humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada, que é a sua condição social e histórica, sob o risco de termos uma visão distorcida (ideológica) de seu comportamento.

Um outro ponto de desafio para a Psicologia Social se colocava diante dos conhecimentos desenvolvidos — sabíamos das determinações sociais e culturais de seu comportamento, porém onde a criatividade, o poder de transformação da sociedade por ele construída. Os determinantes só nos ensinavam a reproduzir, com pequenas variações, as condições sociais nas quais o indivíduo vive.

### A ideologia nas ciências humanas

A afirmativa de que o positivismo, na procura da objetividade dos fatos, perdera o ser humano decorreu de uma análise crítica de um conhecimento minucioso enquanto descrição de comportamentos que, no entanto, não dava conta do ser humano agente de mudança, sujeito da história. O homem ou era socialmente determinado ou era causa de si mesmo: sociologismo vs. biologismo? Se

por um lado a psicanálise enfatizava a história do indivíduo, a sociologia recuperava, através do materialismo histórico, a especificidade de uma totalidade histórica concreta na análise de cada sociedade. Portanto, caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade — apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história.

Na medida em que o conhecimento positivista descrevia comportamentos restritos no espaço e no tempo, sem considerar a inter-relação infra e superestrutural, estes comportamentos, mediados pelas instituições sociais, reproduziam a ideologia dominante, em termos de frequência observada, levando a considerá-los como "naturais" e, muitas vezes, "universais". A ideologia, como produto histórico que se cristaliza nas instituições, traz consigo uma concepção de homem necessária para reproduzir relações sociais, que por sua vez são fundamentais para a manutenção das relações de produção da vida material da sociedade como tal. Na medida em que a história se produz dialeticamente, cada sociedade, na organização da produção de sua vida material, gera uma contradição fundamental, que ao ser superada produz uma nova sociedade, qualitativamente diferente da anterior. Porém, para que esta contradição não negue a todo momento a sociedade que se produz, é necessária a mediação ideológica, ou seja, valores, explicações tidas como verdadeiras que reproduzam as relações sociais necessárias para a manutenção das relações de produção.

Deste modo, quando as ciências humanas se atêm apenas na descrição, seja macro ou micros social, das relações entre os homens e das instituições sociais, sem considerar a sociedade como produto histórico-dialético, elas não conseguem captar a mediação ideológica e a reproduzem como fatos inerentes à "natureza" do homem. E a Psicologia não foi exceção, principalmente, dada a sua origem biológica naturalista, onde o comportamento humano decorre de um organismo fisiológico que responde a estímulos. Lembremos aqui Wundt e seu laboratório, que, objetivando construir uma psicologia científica, que se diferenciava da especulação filosófica, se preocupa em descrever processos psicofisiológicos em termos de estímulos e respostas, de causas e efeitos.

Nesta tradição e no entusiasmo de descrever o homem enquanto um sistema nervoso complexo que o permitia dominar e transformar a natureza, criando condições *sui-generis* para a

sobrevivência da espécie, os psicólogos se esqueceram de que este homem, junto com outros, ao transformar a natureza, se transformava ao longo da história.

Como exemplo, podemos citar Skinner, que, sem dúvida, causou uma revolução na Psicologia, mas as condições histórico-sociais que o cercam, impediram-no de dar um outro salto qualitativo. Ao superar o esquema S-R, chamando a atenção para a relação homem-ambiente, para o *controle* que este ambiente exerce sobre o comportamento; criticando o reducionismo biológico, permitiu a Skinner ver o homem como produto das suas relações sociais, porém não chega a ver estas relações como produzidas a partir da condição histórica de uma sociedade. Quando Skinner, através da análise experimental do comportamento, detecta os controles sutis que, através das instituições, os homens exercem uns sobre os outros, e define leis de aprendizagem — e não podemos negar que reforços e punições *de fato* controlam comportamentos — temos uma descrição perfeita de um organismo que se transforma em função das conseqüências de sua ação, também a análise do *autocontrole* se aproxima do que consideramos consciência de si e o *contracontrole* descreve ações de um indivíduo em processo de conscientização social. Skinner aponta para a complexidade das relações sociais e as implicações para a análise dos comportamentos envolvidos, desafiando os psicólogos para a elaboração de uma tecnologia de análise que dê conta desta complexidade, enquanto contingências, presentes em comunidades. A história individual é considerada enquanto história social que antecede e sucede à história do indivíduo. Nesta linha de raciocínio caberia questionar por que alguns comportamentos são reforçados e outros punidos dentro de um mesmo grupo social. Sem responder a estas questões, passamos a descrever o *status quo* como imutável e, mesmo querendo transformar o homem, como o próprio Skinner propõe, jamais o conseguiremos numa dimensão histórico-social.

Impasse semelhante podemos observar em Lewin, que procura detectar os “casos puros” à maneira galileica e assim precisar leis psicológicas. Também para ele Indivíduo e Meio são indissociáveis, e na medida em que o meio é social e se caracteriza pela complexidade de regiões e sub-regiões e seus respectivos sistemas de forças, se vê num impasse para a comprovação e previsão de comportamentos. Este impasse surge, entre outros, na descrição de processos grupais sob lideranças autocráticas, democráticas e *laissez-faire*, quando, entendendo ser o processo democrático o mais

criativo e produtivo; propõe uma “liderança democrática forte” como forma de se chegar a esta relação grupal...

Também a psicanálise, em suas várias tendências, enfrenta este problema, desde as críticas de Politzer a Freud até as análises atuais dos franceses, que procuram fazer uma releitura da obra de Freud numa perspectiva histórico-social do ser humano.

Não negamos a psicobiologia nem as grandes contribuições da psiconeurologia. Afinal, elas descrevem a materialidade do organismo humano que se transforma através de sua própria atividade, mas elas pouco contribuem para entendermos o pensamento humano e que se desenvolve através das relações entre os homens, para compreendermos o homem criativo, transformador — sujeito da história social do seu grupo.

Se a Psicologia apenas descrever o que é observado ou focar o indivíduo como causa e efeito de sua individualidade, ela terá uma ação conservadora, estatizante — ideológica — quaisquer que sejam as práticas decorrentes. Se o homem não for visto como produto e produtor, não só de sua história pessoal mas da história de sua sociedade, a Psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social.

### A psicologia social e o materialismo histórico

Se o positivismo, ao enfrentar a contradição entre objetividade e subjetividade, perdeu o ser humano, produto e produtor da História, se tornou necessário recuperar o *subjetivismo* enquanto *materialidade psicológica*. A dualidade físico  $\times$  psíquico implica uma concepção idealista do ser humano, na velha tradição animística da psicologia, ou então caímos num organicismo onde homem e computador são imagem e semelhança um do outro. Nenhuma das duas tendências dá conta de explicar o homem criativo e transformador. Tornou-se necessária uma nova dimensão espaço-temporal para se apreender o indivíduo como um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social — daí a procura de uma psicologia social que partisse da materialidade histórica produzida por e produtora de homens.

É dentro do materialismo histórico e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para a recons-

trução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo — objeto da Psicologia Social.

Das críticas feitas detectamos que definições, conceitos constructos que geram teorias abstratas em nada contribuíram para uma prática psicossocial. Se nossa meta é atingir o indivíduo concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social, temos de partir do empírico (que o positivismo tão bem nos ensinou a descrever) e, através de análises sucessivas nos aprofundarmos, além do aparente, em direção a esse concreto, e para tanto necessitamos de *categorias* que a partir do empírico (imobilizado pela descrição) nos levem ao processo subjacente e à real compreensão do Indivíduo estudado.

Também a partir de críticas à psicologia social “tradicional” pudemos perceber dois fatos fundamentais para o conhecimento do Indivíduo: 1) o homem não sobrevive a não ser em relação com outros homens, portanto a *dicotomia* Indivíduo  $\times$  Grupo é falsa — desde o seu nascimento (mesmo antes) o homem está inserido num grupo social —; 2) a sua participação, as suas ações, por estar em grupo, dependem fundamentalmente da aquisição da *linguagem* que preexiste ao indivíduo como código produzido historicamente pela sua sociedade (*langue*), mas que ele apreende na sua relação específica com outros indivíduos (*parole*). Se a língua traz em seu código significados, para o indivíduo as palavras terão um sentido pessoal decorrente da relação entre pensamento e ação, mediadas pelos outros significativos.

O resgate destes dois fatos empíricos permite ao psicólogo social se aprofundar na análise do Indivíduo concreto, considerando a imbricação entre relações grupais, linguagem, pensamento e ações na definição de características fundamentais para a análise psicossocial.

Assim, a *atividade* implica ações encadeadas, junto com outros indivíduos, para a satisfação de uma necessidade comum. Para haver este encadeamento é necessária a comunicação (linguagem) assim como um plano de ação (pensamento), que por sua vez decorre de atividades anteriormente desenvolvidas.

Refletir sobre uma atividade realizada implica repensar suas ações, ter consciência de si mesmo e dos outros envolvidos, refletir sobre os sentidos pessoais atribuídos às palavras, confrontá-las com as conseqüências geradas pela atividade desenvolvida pelo grupo

social, e nesta reflexão se processa a *consciência* do indivíduo, que é indissociável enquanto de si e social.

Leontiev inclui ainda a *personalidade* como categoria, decorrente do princípio de que o homem, ao agir, transformando o seu meio se transforma, criando características próprias que se tornam esperadas pelo seu grupo no desenvolver de suas atividades e de suas relações com outros indivíduos.

Caberia ainda, na especificidade psicossocial, uma análise das *relações grupais* enquanto mediadas pelas *instituições sociais* e como tal exercendo uma mediação ideológica na atribuição de papéis sociais e representações decorrentes de atividades e relações sociais tidas como “adequadas, corretas, esperadas”, etc.

A consciência da reprodução ideológica inerente aos papéis socialmente definidos *permite* aos indivíduos no grupo superarem suas individualidades e se conscientizarem das condições históricas comuns aos membros do grupo, levando-os a um processo de identificação e de atividades conjuntas que caracterizam o grupo como unidade. Este processo pode ocorrer individualmente e constatariamos o desenvolvimento de uma consciência de si idêntica à consciência social. Na medida em que o processo é grupal, ou seja, ocorre com todos os membros, ele tende a caracterizar o desenvolvimento de uma consciência de classe, quando o grupo se percebe inserido no processo de produção material de sua vida e percebe as contradições geradas historicamente, levando-o a atividades que visam à superação das contradições presentes no seu cotidiano, torna-se um grupo-sujeito da transformação histórico-social.

Desta forma, a análise do processo grupal nos permite captar a dialética indivíduo-grupo, onde a dupla negação caracteriza a superação da contradição existente e quando o indivíduo e grupo se tornam agentes da história social, membros indissociáveis da totalidade histórica que os produziu e a qual eles transformam por suas atividades também indissociáveis.

Esta análise das categorias fundamentais para a compreensão do ser humano nos leva à constatação da impossibilidade de delimitarmos conhecimentos em áreas estanques que comporiam o conjunto das Ciências Humanas. Psicologia, Sociologia, Antropologia, Economia, História, Pedagogia, Lingüística são enfoques a partir dos quais todas as áreas contribuem para o conhecimento profundo e concreto do ser humano. Suas fronteiras devem ser necessariamente permeáveis, ampliando o conhecimento, seja do

indivíduo, do grupo, da sociedade e da produção de sua existência material e concreta.

### **Decorências metodológicas: a pesquisa-ação enquanto práxis**

A partir de um enfoque fundamentalmente interdisciplinar, o pesquisador-produto-histórico parte de uma visão de mundo e do homem necessariamente comprometida e neste sentido não há possibilidade de se gerar um conhecimento "neuro", nem um conhecimento do outro que não interfira na sua existência. Pesquisador e pesquisado se definem por relações sociais que tanto podem ser reprodutoras como podem ser transformadoras das condições sociais onde ambos se inserem; desta forma, conscientes ou não, sempre a pesquisa implica intervenção, ação de uns sobre outros. A pesquisa em si é uma prática social onde pesquisador e pesquisado se apresentam enquanto subjetividades que se materializam nas relações desenvolvidas, e onde os papéis se confundem e se alternam, ambos objetos de análises e portanto descritos empiricamente. Esta relação — objeto de análise — é captada em seu movimento, o que implica, necessariamente, pesquisa-ação.

Por outro lado, as condições históricas sociais do pesquisador e de pesquisados que respondem pelas relações sociais que os identificam como indivíduos permitem a acumulação de conhecimentos na medida em que as condições são as mesmas, onde as especificidades individuais apontam para o comum grupal e social, ou seja, para o processo histórico, que, captado, nos propicia a compreensão do indivíduo como manifestação da totalidade social, ou seja, o indivíduo concreto.

Este caráter acumulativo da pesquisa faz do conhecimento uma práxis, onde cada momento empírico é repensado no confronto com outros momentos e a partir da reflexão crítica novos caminhos de investigação são traçados, que por sua vez levam ao reexame de todos os empíricos e análises feitas, ampliando sempre a compreensão e o âmbito do conhecido. Pesquisa-ação é por excelência a práxis científica.

### **Toda a psicologia é social**

Esta afirmação não significa reduzir as áreas específicas da Psicologia à Psicologia Social, mas sim cada uma assumir dentro da sua especificidade a natureza histórico-social do ser humano. Desde o desenvolvimento infantil até as patologias e as técnicas de intervenção, características do psicólogo, devem ser analisadas criticamente à luz desta concepção do ser humano — é a clareza de que não se pode conhecer qualquer comportamento humano isolando-o ou fragmentando-o, como se este existisse em si e por si.

Também com esta afirmativa não negamos a especificidade da Psicologia Social — ela continua tendo por objetivo conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Porém, agora a Psicologia Social poderá responder à questão de como o homem é sujeito da História e transformador de sua própria vida e da sua sociedade, assim como qualquer outra área da Psicologia.